

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 10 - Redução das desigualdades

## **O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO? SOBRE A QUESTÃO DA ÉTICA E DA LIBERDADE EM SARTRE<sup>1</sup>**

### **IS EXISTENTIALISM A HUMANISM? ON THE ISSUE OF ETHICS AND FREEDOM IN SARTRE**

**João Francisco Cocaro Ribeiro<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de Iniciação Científica

<sup>2</sup> Bolsista PIIC/URI. Graduando em Direito pela URI, campus Santo Ângelo; e Teologia pela Faculdades EST. E-mail: joao-cocaro@hotmail.com

### **INTRODUÇÃO**

A filosofia moderna é inaugurada com a tentativa de compreender a essência humana. Para Descartes (2020), o ponto de partida da teoria e da prática é a definição da subjetividade, do espírito humano como um ser pensante (coisa pensante). Dessa perspectiva decorre toda a vida moral, isto é, todo o conhecimento sempre começa pela essência do objeto a ser conhecido. A essência é vista como um atributo principal que determina todas as qualidades que poderemos encontrar no que se deseja conhecer. A essência pensante é o fator determinante da totalidade do ser. Portanto, essa valorização do pensamento humano como essência caracteriza a grande marca do humanismo moderno. Essas concepções, entretanto, são invertidas no pensamento de Sartre. Para ele, não existe qualquer determinação necessária que defina o homem antes que ele exista. É o fato de existir, expresso na vida humana e na conduta dos homens, que permite conhecer a realidade humana. Ademais, a própria existência é o dado primordial, vale dizer, a realidade humana não se deduz de qualquer necessidade que se possa estabelecer previamente. Sendo assim, as perguntas fundamentais desta investigação são as seguintes: qual a diferença entre o humanismo da tradição moderna e do humanismo no pensamento de Sartre? Quais as três principais críticas que era feitas ao existencialismo de Sartre? Em que sentido o existencialismo não é um humanismo? Em que sentido o existencialismo é um humanismo?

### **A QUESTÃO DA ÉTICA E DA LIBERDADE**

De início, o existencialismo de Sartre sofre inúmeras críticas das quais ele procura esclarecer e se defender. Tentando salvar o existencialismo, Sartre (2014) afirma que este é um humanismo. Diante de tantas críticas, ao longo de suas obras ele procura mostrar que os críticos não o entenderam. Afirma que o existencialismo abre perspectivas ao ser humano e não que incita a permanecerem num quietismo absoluto. Sartre apresenta as principais críticas que lhe foram conferidas. São basicamente três críticas: primeiro, que o existencialismo deixa as pessoas em situação de desespero; segundo, de acentuar o grau de desonra humana, o nojento, o duvidoso; terceiro, olhando mais o lado cristão, criticaram-no de negar o lado sério da vida humana: na medida em que não existe mandamentos de Deus, cada um pode fazer o que quer, não podendo condenar os atos dos outros.

Observando tais críticas acima destacadas, percebe-se que, em última análise, o existencialismo é criticado por “acentuar o lado mau da vida humana”. Para além de qualquer intenção de apresentar o lado sórdido da vida humana, Sartre procura resgatar as verdadeiras dimensões humanas que ao longo da tradição metafísica haviam sido negadas. Deixa, com efeito, uma possibilidade de escolha

**Evento:** XXVIII Seminário de Iniciação Científica

**ODS:** 10 - Redução das desigualdades

ao homem. Não há nada pré-determinado do que o homem deve ou não fazer. Percebe-se, que Sartre tenta provar que o existencialismo é uma filosofia otimista. Não igual às outras que tratam o ser humano como feito e acabado. Defende que o existencialismo é um humanismo, pois deixa possibilidades ao ser humano. O homem não é pré-determinado, mas, sim, vai se constituindo. Sartre, portanto, em suas obras apresentou críticas que lhe foram conferidas pela sua doutrina existencialista. A partir delas desenvolveu todo o seu raciocínio. Procurou ver o que realmente se entende por existencialismo e colocou o homem como o único responsável por seus atos. Exaltou a ideia de que o homem é um ser livre e não há natureza humana em que possa se basear. O homem só existe na medida em que se realiza. Por isso, sua filosofia é otimista e não incita as pessoas a permanecerem no quietismo.

O existencialismo não se esforça em negar a existência de Deus. Não entram em jogo os critérios do existencialismo caso Deus exista ou não. É preciso que o homem reencontre a si próprio e perceba que nada pode salvá-lo de si mesmo. O existencialismo é uma doutrina otimista, pois leva o ser humano a ação. É, na realidade, por má-fé que rotulam os existencialistas de desesperados. Surge, entretanto, as seguintes perguntas: em que sentido o existencialismo não é um humanismo? Em que sentido o existencialismo é um humanismo?

O existencialismo não é humanismo na forma como os críticos entendiam a palavra humanismo. Ou seja, aqueles que criticavam o humanismo pensavam a realidade partindo de princípios pré-estabelecidos. Como apresenta João Penha, em *Le Figaro* (Jornal direitista), referindo-se a Sartre: “não há obra mais ofensiva ao ser humano, mais degradante do que a sua”. O existencialismo não é um humanismo porque os críticos pensavam que a vida não teria sentido se Deus estivesse “morto”, se não houvesse lei moral. Assim, para eles, o homem seria uma paixão inútil. (SILVA, 2004).

O existencialismo não é um humanismo se, porventura, se pensa tudo como definido. Os que o censuravam pensavam que o existencialismo negava o lado sério da vida humana. Acreditavam que se não tivesse mais mandamentos de Deus, normas em que poderiam se basear, cada um poderia começar a fazer o que bem quisesse, não podendo condenar os atos dos outros. Para eles, o existencialismo negava o lado luminoso da natureza humana por admitir que o homem vive isolado. Enfim, o existencialismo não é humanismo visto como metafísico, ou seja, pensando a realidade como definida, pré-estabelecida.

O existencialismo é um humanismo quando reconhecemos que o homem é um sujeito. Para Sartre (2017) o homem é responsável por seus atos. O homem foi lançado no mundo e é responsável por tudo o que fizer. Desta forma e, ao mesmo tempo, está condenado por ser lançado ao mundo e, por este motivo, é livre. Somos livres para a escolha que queremos fazer. Nada obstante, no momento em que escolhemos algo, devemos nos dar em conta que somos responsáveis por todos os outros. Escolhemos o que queremos, mas sempre pensando que a escolha que faço afetará todas as demais pessoas. Sartre tenta começar do “zero”. Tenta pensar a vida, as coisas e o agir sem ter nada pré-estabelecido. Pensar a partir de como a vida transcorre. Fazer e pensar a vida com tudo o que *está ali*. Sartre procurou ver o que realmente se entende por existencialismo e colocou o homem como o único responsável por seus atos. Ele é um ser livre e não há natureza humana em que possa se basear. O homem só existe na medida em que se realiza. Por fim, o homem é livre, responsável e existe na medida em que se faz, por isso o existencialismo de Sartre é um humanismo.

Em suma, é possível afirmar que quem nega a liberdade humana é aquele que toma tudo como pré-estabelecido. A filosofia existencialista toma o homem como responsável por seus atos e tudo o que acontece na realidade, logo, não pode ser denominada de não-humanismo. A ideia de pré-determinismo, para o existencialismo, é uma desculpa diante de tudo o que acontece na comunidade

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 10 - Redução das desigualdades

humana. É uma ideia cômoda para explicar os fracassos e fugir da responsabilidade. São essas as pessoas que denominam o existencialismo de não-humanismo, porque pensam a realidade como pré-determinada.

No concernente à ética, é possível afirmar que a constituição do ser do homem no decurso de sua existência será devida unicamente a ele mesmo. Em outras palavras, o homem será aquilo que vier a fazer de si mesmo. A tarefa do homem é construir, por meio de sua conduta, a sua própria vida. No núcleo dessas concepções encontra-se a *liberdade*. Neste sentido, a origem do homem é o próprio homem. Na liberdade de escolha originária e absoluta, o homem é a liberdade. A liberdade não é uma característica, atributo, qualidade ou uma faculdade. Diante disso, Sartre asseverou (2014, p. 9), “o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo; contudo, em todos os outros aspectos, é livre porque uma vez lançado no mundo é responsável por tudo o que faz”. A liberdade originária, entretanto, implica na *responsabilidade total*, uma vez que somente aquele que é livre pode ser responsabilizado por suas ações. Para Sartre (2017), o homem está só, e surge gratuitamente no mundo e desaparece do mesmo modo; não possui fundamento, tampouco raízes metafísicas. Nesta solidão e desamparo o homem exerce sua liberdade. Com efeito, é responsável de si mesmo e para com os outros. Na singularidade, o humanismo desabrocha em si mesmo por parte dos valores e critérios oriundos da própria liberdade.

Outrossim, não se pode fugir da responsabilidade de ser humano, ou seja, de ser livre. Noutras palavras, o constituir-se por meio de escolhas se propõem aos outros, nos mesmos critérios e valores da ética e da existência. Existir é estar no mundo; estar gratuitamente lançado no mundo, de forma concreta e definida, sempre em dada situação. Dada às circunstâncias de tudo àquilo que rodeio o homem (época, lugar, família, classe social), estas, limitam a liberdade, pois não podem ser modificadas. São fatos que já se encontravam antes da existência de determinado homem e que influenciarão nas escolhas, atuando como obstáculos (índices de adversidade). Mas, pode-se atribuir sentido a tais fatos com o exercício da liberdade sempre situada, paradoxalmente, numa escolha mediada por fatores, atuando como determinantes. Existir é fazer história, é estar historicamente inserido no mundo, o homem é uma história individual, o homem é produzido historicamente (MARX, 1958). Indubitavelmente, a história determina o homem, mas determina no mesmo tempo em que o homem a faz, pois só existe história por meio de agentes históricos. Na obra *O ser e o nada*, Sartre cunha o termo de *alteridade*, conceito este que afirma que o sujeito existe para si e para os outros. Em outras palavras, o sujeito é sempre objeto para outros sujeitos.

De fato, o sujeito, sendo livre, pode se resignar ou tentar superar os fatos. Pode viver com a realidade que é dada ou projetar outras oportunidades. O homem é livre para escolher, contudo, ao escolher outras oportunidades, o sujeito já é um agente em prol da humanidade. “A existência precede a essência” (SARTRE, 2005, p. 105). Conforme Sartre, tudo que é humano nos concerne, mas, também, tudo que é desumano e tudo que é inumano igualmente nos concernem. Isso porque somos responsáveis por todas as escolhas e atos, uma vez que nada vem ao mundo senão pela liberdade dos homens. “[...] a violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota” (SARTRE apud ADAMS; JUNGES, 2015, p. 52).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, o pensamento de Sartre é, em suma, tão filosófico quanto humanista. Sartre em toda sua vida buscou por meio da escrita e da filosofia lograr conceitos humanistas em virtude

**Evento:** XXVIII Seminário de Iniciação Científica

**ODS:** 10 - Redução das desigualdades

dos acontecimentos, genocídios e barbáries vivenciados por ele no século XX. Para ele, o sujeito é livre para realizar aquilo que bem entende. Por outro lado, é totalmente responsável por seus atos. O sujeito é racional para discernir o que é bom e ruim, tendo a consciência das consequências advindas de suas escolhas. O sujeito, contudo, não deve conservar a ilusão de eximir-se da responsabilidade, no sentido de imanentismo. Viver, para Sartre, é estar inserido no mundo; é mudar constantemente. Diferente do existencialismo tradicional e por influência de Kierkegaard (2007) e Heidegger (2005), Sartre (2014) afirmava que a existência precede a essência. Neste sentido, ao longo da existência o sujeito pode discernir para o bem e para o humanismo, podendo, então, re-construir uma humanidade sem violência.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Adair; JUNGES, Fábio César. *Pensar é resistir: uma hermenêutica da condição humana*. Santo Ângelo: FuRi, 2015.

DESCARTES, René. *Discurso sobre o método*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. São Paulo: Centauro, 2005.

KIERKEGAARD, Sören. *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discurso*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARX, Karl. *Die deutsche Ideologie*. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Werke (MEGA)*. v. 3. Berlin: Dietz, 1958.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. *Situações III*. São Paulo: CosacNaify, 2005.

SILVA, Franklin Leopoldo. *Ética e literatura em Sartre*. São Paulo: UNESP, 2004.